



Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO XIX — N.º 482 — Preço 1\$00
1 DE SETEMBRO DE 1962

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: *Padre Américo*

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO



A porta de tábuas apodrecidas está aberta. Tu certamente não entravas que a escuridão mais o cheiro afugentam. Eu vou entrar, que ando mais afeito a estes ambientes. E tu farias, tal como eu faço, se uma vez perdesse a timidez de penetrar nos antros, onde mora gente da nossa raça humana. Entro sem dizer palavra. A telha vã está escurecida pelo fumo, que em tempos se fazia na lareira meio escondida a um canto. O chão térreo enegrecido cheira a urina que escorre do leito. Este é cama de ferro sem pintura já. Não tem colchão. Mas somente pequeno braçado de palha muito húmida ao centro. Trapos servem de cabeceira. E trapos também cobrem a Pobre que procuro. Já conheço a história. Não quero magoar a pobre enferma tornando a perguntar-lha. Mas quero dizer-te a ti que o marido, vai num ano, a expulsou de casa com um filho menor. Andaram os dois, mãe e filho, a mendigar, a passar fome longa época. O pequeno foi recolhido. Ela, também, aqui neste tugúrio. Está só. Sofre de mal incurável. As vizinhas mostram cansaço em lhe chegar o caldo, e por isso passa dias sem ele. Roupa não tem. Higiene não conhece. Carinhos não lhe são dispensados. Como há-de ela gostar de viver? Como gostaríamos nós, eu mais tu, de viver em semelhante viver? É preciso que vamos sem demora ao encontro uns dos outros. É bem urgente que o façamos para com os mais prostrados, não suceda que se extinga no mundo o hábito de dar a mão, e todos caíamos pró lado, não tendo a quem recorrer.

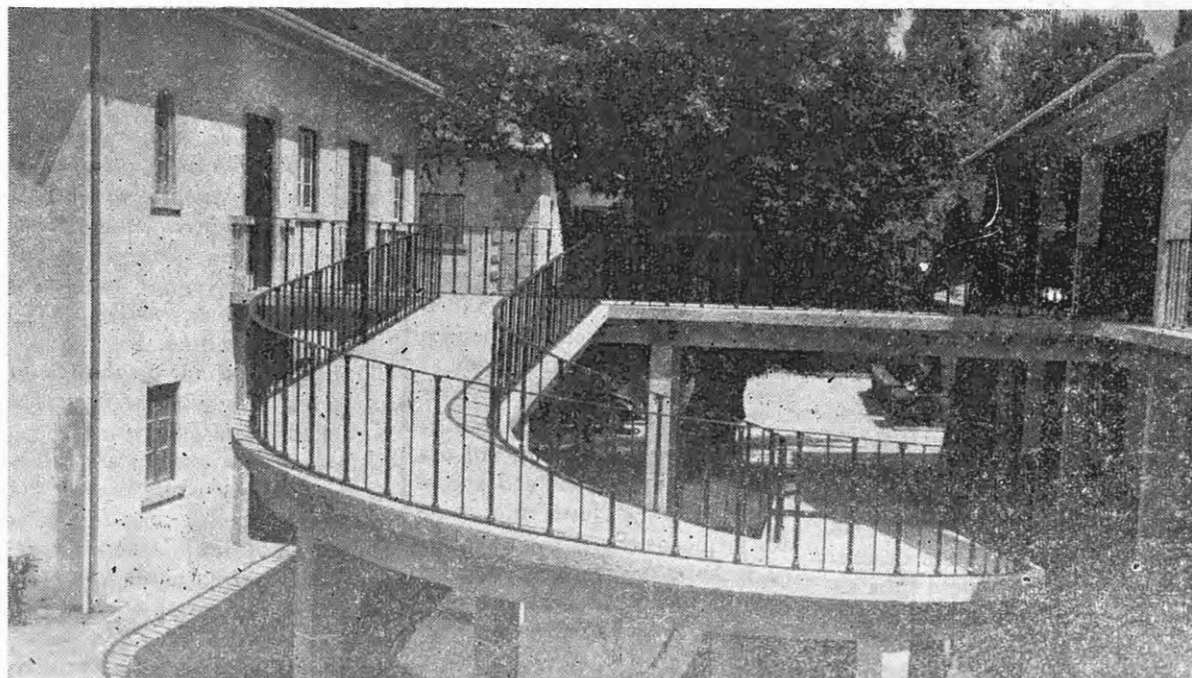
Se estivesses aqui a meu lado havias de me ajudar a levá-la para o Calvário. Estás longe. Bem sei. Mas não creias que este é caso singular. Não me admira nada que haja algo de idêntico à tua porta. Cristo viveu muitos anos oculto e ninguém o sabia. Se não andamos atentos arriscamos-nos a não O descobrir também, que Ele não balbucia o nome. Anda e vê se O encontras.

Padre Baptista



Eis os dois novos pavilhões do Calvário. Trabalho + Sangue = Amor! Aqui podem morrer cristãmente os **enxotados**, os inválidos sem morada certa.

Resumo da Economia de Redenção.



Domingo da parábola do fariseu e do publicano

ÁFRICA

SIM, Senhor. Nós não somos como os outros. Os nossos maiores não foram até lá por cobiça, mas por vocação: «... a fé e o império dilatando...» Ninguém se arriscou antes de nós no Mar Tenebroso. Foram atrás de nós, quando primeiro lhes dissipámos as trevas do Mar; lhes revelámos o mistério de Além do Bojador.

Tudo isto foi feito em dor e em aventura, «mais do que permitia a força humana». Mais desejosos os que o fizeram do prémio eterno do que do lucro temporal; tão Teus apóstolos como conquistadores em nome do rei.

Consumiram-se vidas que os outros, talvez sorrindo, acharam desperdício. Mas foi sobre a fertilidade deste sangue que eles, cínicamente, se dispuseram a colher.

Isto, Senhor, podemos dizer-To de cara levantada, de pé, em frente a Ti. Podemos dizer-To neste domingo da parábola do fariseu e do publicano do ano de 1962 da Tua graça. Podemos dizer-To, porque o não dizemos de nós; é dos nossos maiores, que Te falamos.



Senhor, de nós, os que te invocamos neste ano de 1962 da Tua graça, tem piedade.

Porque nós, Senhor, não temos compreendido que honrar os nossos maiores, não é seguir pelo caminho que eles nos abriram, por onde também os outros seguem. É ir com o mesmo espírito; animados pelo mesmo ideal, substituindo a aventura do desconhecido pela consciência da missão que nos compete; aceitando as dificuldades do presente na vez das dores que eles sofreram.

Temo-los honrado com palavras. Pouco com a inteligência. Menos com o coração.

Como o Teu povo, outrora, algumas vezes, acusou a influência má dos seus vizinhos, assim nós nos temos deixado contagiar. Nem sempre temos sido melhores do que os outros. Nem podemos invocar sem fim os méritos dos nossos maiores. A validade deles actualiza-a o nosso esforço, o nosso sacrifício, a pureza da nossa intenção, o ideal que nos alumia o caminho e refaz do cansaço de caminhar.

Senhor, nós reconhecemos a nossa fragilidade e as nossas quedas. De longe, ajoelhados, sem ousarmos pôr nos Teus os nossos olhos pecadores; ainda, e sempre, confiantes apesar das nossas infidelidades repetidas — Te confessamos, Senhor, e Te pedimos: Tem piedade de nós.



Porém, Senhor, nem tudo se perdeu ainda do passado. Não To podemos esconder, humildemente, se a nossa consciência nos segreda: Não somos como os outros.

Os nossos maiores fizeram obra de amor; os outros obra continua na página 4

Do que nós

Cá estou, sem pretensões a grande cronista, já que só me limito a acusar recepção à numerosa falange de amigos, que até nós chegam.

Do que nós necessitamos?! Do vosso carinho, do vosso amor e da vossa ajuda.

E vamos ao desfile.

Começamos por aquele casal que tem um talho no Mercado do Bom Sucesso e que, ontem mesmo, nos trouxe carne, ossos e mais coisas boas. Como muitas vezes!...

De Coimbra, «Um jovem casal» com 50\$. Assinante 25209, 100\$. De A. C. P. 20\$. «Uma Mãe», de Lisboa, que, de quando em vez, nos envia medicamentos. Aveiro com 70\$. De Lisboa 100\$. De uma aluna do Liceu Carolina Michaelis, por terem corrido bem os exames, 50\$. Porto com 100\$, pelo mesmo fim. «Pelo exame do meu neto», 20\$. Mais satisfação, de uma Maria que passou para o 5.º ano do liceu. Na hora de alegria, pede a Pai Américo que a ajude na continuação dos seus estudos, e lembra-se de nós com 20\$.

De promessas cumpridas e gra-

ças obtidas, 20\$ de um anónimo de Gaia. Vila Real de Santo António com 20\$. Mais um anónimo com 20\$. De Alguém 200\$. A. B., por uma intenção particular, 100\$. Ainda Lisboa, em cumprimento de uma promessa, 500\$.

Da Rua Naulila, 500\$. E o conhecido sr. Manuel da R. da Corticeira, «com 20\$ mensais e

sal de 47\$50. Viseu com 50\$. Do Porto, 40\$. De Cerdeira do Côa, assinante 32751, 100\$. Vários donativos para o colchão da doentinha do Barredo. 500\$ não sei de onde. De «O Comércio do Porto», 331\$40. Do assinante 14010, 100\$. De uma bracarense, 20\$.

A presença dos sempre presen-

cá estão os 20\$ da R. da Madalena, 40\$ de Alguém. Duma anónima de Aveiro, 20\$. Covilhã idem. Dum grupo de antigos discípulos da Escola Comercial Oliveira Martins que, reunidos em jantar de confraternização, se quotizaram, 125\$00. «A assinante da casa dos 100», com 20\$.

Lisboa com 200\$, para serem

Casa do Gaiato. Uma pecadora». De um colega do nosso Sr. Padre Manuel, 500\$, muito escondidos.

Esta carta fecha a coluna: «Padre»:

Era meu desejo enviar uma maior importância para a nossa tão querida obra — pois eu tam-

Necessitamos

mais 20\$, porque graças a Deus, continuo a ter trabalho». De uma assinante que precisa muito das nossas orações, 100\$. Uma Maria Filomena, prometeu 500\$, «mas como os haveres são poucos, não os posso enviar de uma vez. Vão hoje 100\$ e o resto irá nos meses seguintes». Sim, minha senhora, como e quando desejar. Nós confiamos, porque a Obra da Rua, nasceu da confiança e na graça do Senhor.

780\$ «Dos patrões e operárias das Malhas Marão», pedindo a protecção de Pai Américo. Pessoal da Mobil, com a quota men-

tes. «Por Alma d'Aquela que eu tanto amei, para a Obra que Ela tanto amava». 50\$+50\$, de Julho e Agosto. Também por estes dois meses, António envia os costumados 100\$, para a viúva da Nota da Quinzena e outros 100\$, para ajudar uma mãe a alimentar seu filho». 50\$ «De uma amargurada pelo dia 22», presente todos os meses desde 1950. Mais 50\$, por uma intenção particular, da mesma pessoa.

Régua com 50\$. De Elvas, «Tendo recebido um dinheiro dum trabalho particular que fiz, envio 100\$». Sempre silenciosos,

distribuídos pelas nossas casas. 5 pneus da Fábrica Tijomel de Caxarias. 500\$ para os nossos pobres mais necessitados. Anónima de S. João da Madeira com 20\$. «Por algo que não sucedeu», 200\$. Uma Inês pede orações e envia 20\$. De Aveiro, «uma assinante assídua» 70\$. Sufragando a alma de alguém que já partiu para o Além, 100\$, de Gaia.

No início, no meio ou no fim, há sempre uma palavrinha para acusarmos o que nos vem do Espelho da Moda. É em quantidade e em qualidade, o que os nossos amigos lá depositam. Bem hajam.

Pacotes de roupas, que são sempre bem-vindos. Do Porto, alguém pelas melhoras de seu marido. Deus a ouça. De Lisboa, 500\$ e roupas de cama, em nome de pessoa amiga que se encontra em Lourenço Marques. De Rosarinho, roupas de seu irmão. Da Sociedade de Tecidos Confiança, do Porto, alguns cortes.

500\$, para a maior necessidade de momento. Caldas da Rainha com esta cartinha breve: «Junto envio 20\$, uma migalhinha do meu 2.º ordenado, destinado à

bém a considero minha — mas é completamente impossível por agora. É o produto de um trabalho que fiz, mas com a ajuda de Deus, enviarei brevemente mais algum. Padre, peço-vos um pensamento e uma oração pelos meus filhinhos e ainda pela paz do meu lar. Que Deus me fortaleça a vontade e me não deixe sucumbir, pois a minha vida é um calvário e só com a protecção divina eu poderei vencer.

Uma esposa e mãe»

O nosso «Famoso», é um jornal diferente a todos. A sua doutrina é do Evangelho, e os seus escritos são de verdade; são da paz e não da política corrente. É por isso que ele arranca lágrimas e confissões sinceras. A carta transcrita é bem um documento da confiança que em nós depositam.

Que esta Mãe encontre a força necessária debaixo do manto carinhoso da Mãe Santíssima, e por certo, as suas preces serão atendidas.

E até à próxima se Deus quiser.

Manuel Pinto

CHALES DE ORDINS

Caros leitores, aqui estão as nossas pequeninas aprendizas. Não são as tecedeiras de Ordins. Sei lá se alguma delas virá a ser! Sei lá se uma ou outra já sabe

tempo lectivo as tardes são pequenas e são precisas para estudar as lições. Porém, agora neste trimestre de descanso, o caminho das nossas aldeias não têm o pe-

das. Também, só vêm as que querem. Mas olhem que são muito boazinhas todas elas. Não sabem o que até aqui disse delas, no entanto não é mentira que sabem o que agora eu vou dizer. Foram elas que o disseram...

«Algum dos nossos Amigos quer saber como nós trabalhamos bem? Perguntem-nos algum trabalhinho e verão».

Há quem nos mande de quando em vez uns dez escudos, como a Avó de Moscavide e outros, para os novels. Elas agora até Outubro vão gastar bastantes novels. Pode ser que alguma tenha a sorte de fazer uma camisola para ela mesma... A sorte está em que a chuva dos novels não deixa de cair.

Se algum dos nossos leitores quiser, elas poderão também fazer umas camisolinhas para outros miudos ou miudas como elas. Não ouviram o que elas disseram? «Estamos sempre ao dispor».

x x x

Recebemos várias ofertas. Assim, por intermédio do Diário Popular, enviaram-nos 500\$. De Setúbal 40\$00. Chegaram também 3 ofertas para a chuva dos novels, mais uma lembrança de uma mãe e mais uma ajuda dos lados de Bragança, esta mensalmente.

De Santa Maria de Vilar uma excursão fez-nos uma visita deixando-nos quatro retalhos de fantasia e levaram consigo algumas pegadas como recordação.

Pelo correio seguiram para Lisboa 3 chales dos médios, um dos grandes, duas colchas e 8 pegadas. Para Torres Novas um chale dos pequenos. Porto 8 pegadas. Leiria 2 chales dos médios. Lourenço Marques um chale dos médios.

Adeus, bons Amigos.

Padre Pires



dar um jeito ao tear para ajudar a mãe a fazer um chale. Mas não são tecedeiras.

São aprendizas, apenas, de agulha. Algumas, pouco maiores que o novelo da lã, já sabem mover bem as agulhas para fazer uma camisola ou um bocado para ela.

Aqui, todas juntas à volta de alguém que se lhes dedicou de alma e coração, aprendem algo mais que fazer malha.

Não estão sempre connosco. Só durante as férias, porque todas elas andam na escola e durante o

rigo de muito movimento dos automóveis, mas têm por isso o perigo de se poder andar sempre no caminho. Aqui, cantam, riem e aprendem. Não trabalham muito pois que os deditos, ainda pequenos, não podem mexer depressa as agulhas. Não trabalham bem. Mas cada dia aprendem a fazer melhor. Não tem muito valor o seu trabalho, mas ajuda a valorizá-las.

Têm cada uma o seu novelo, suas agulhas, seu banco onde guardam o trabalho. Aqui passam as tardes, bem dispostas, contentes e alegres. A mãe está descansada porque sabe onde a filha está e nós satisfeitos por as termos à nossa beira.

São poucas? Aqui não estão to-

POBRES

A vida deles, por graça de Deus, faz parte da nossa vida. E, embora as ocupações do dia a dia não nos tenham permitido ir ter com os pobres, à sua casa, tantas vezes como é nosso desejo, todos os dias sobem as ruas da nossa Aldeia, vergados com o peso da sua vida tão cheia de problemas.

Só Deus sabe a alegria que sentimos, quando lhes podemos dar a mão e aliviá-los, por pouco que seja. É que, não raro, sofrem tanto, tanto! Temos sido testemunhas.

x x x

Este veio de longe. É ainda muito novo. No rosto, o sinal claro da doença que o mina há muito tempo. A tuberculose assentou arraiais naquele agregado familiar e não há ganhos suficientes para o sustento da família.

Pôs-se a caminho. Não olhou a distância. Nem nós a sabemos ao certo, mas ultrapassa seguramente a dezena de quilómetros.

O dia estava quente: era Julho. O tempo que teve de esperar até que fosse atendido não lhe criou mal-estar. A simplicidade daquele pobre, pai de cinco filhos pequeninos e vésperas de mais um, calou fundo dentro de nós.

Estamos habituados a ver mui-

tas caras, a ler em muitos olhos, mas o rosto deste homem e o seu olhar pareceram-nos diferentes de todos os mais. Alguns, graças a Deus que são poucos, trazem a marca da mentira: não por serem ricos, mas porque acham mais fácil estender a mão e confiar apenas nos outros do que buscar apoio no seu trabalho e na sua possibilidade de resolver determinados problemas que lhes surtem.

A Caridade é paciente, é benígna... não julga mal de ninguém... Mas a Caridade tem de ser também inteligente. Quantas e quantas vezes, diante dos muitos casos que nos aparecem todos os dias, hesitamos e adiamos a nossa resposta até podermos adquirir um conhecimento tanto quanto possível perfeito, para que a Caridade a exercer seja bem ordenada e nunca motivo de escândalo e de deformação.

Por este motivo e por outros não menos importantes, temos batalhado por que os problemas dos pobres sejam resolvidos dentro das suas freguesias por quem os conheça suficientemente bem e a quem damos a mão, quando não podem resolvê-los sôzinhos.

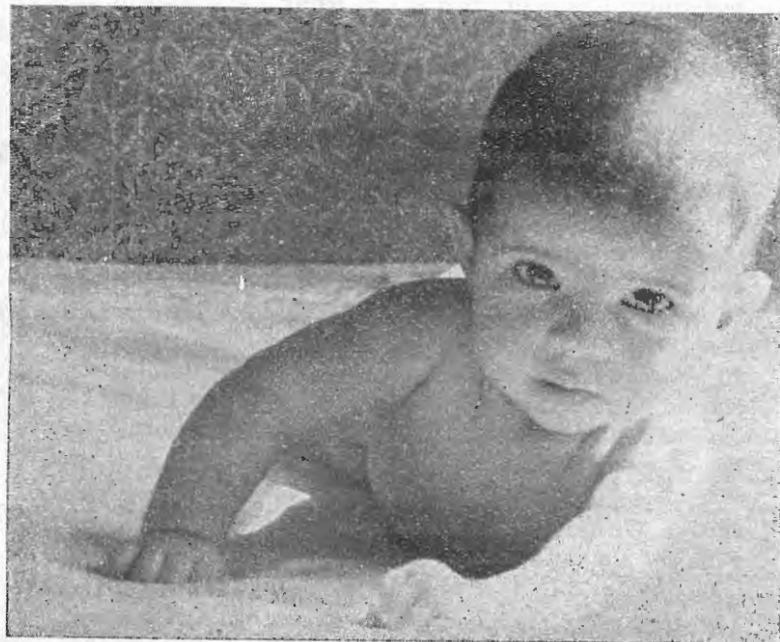
Quão felizes nos sentimos sempre que nos chega uma carta do pároco, pois é com ele que nor-



Carta de LONDRES

Saudinha e Paz, na graça de Deus, são os nossos desejos, para si, para todos os Srs. Pais, nossos colaboradores, e amigos, e para todos os meus irmãos, sobrinhos, e sobrinhas, presentes e ausentes. Nós, cá na ilha do velho Continente, continuamos bem, graças a Nosso Senhor. Agora, quando digo nós, quero dizer, eu, minha esposa, e a adorada filha que Deus achou por bem confiar a quem os homens, há anos passados, nada confiariam, porque era um enjeitado da chamada sociedade dos nossos tempos.

Pois aqui estou, para lhe dar notícias nossas recentes. A Emília adaptou-se bem à vida cá dos indígenas. Porém os seus progressos na língua são quase nulos. Eu vou melhorando com o tempo de estadia. Já ninguém me come as papas na cabeça, como o povo diz. Junto lhe envio a fotografia da nossa filha, com 4 meses feitos no passado dia 15. Tudo então, correu bem, graças a Deus,



Miss Mary, (Que pena não ser Maria!...) dilecta filha do Fernando, é uma sobrinha que nos orgulha!

malmente tratamos dos problemas dos pobres, a pedir que lhe dêmos a mão. E algumas cartas são tão lindas, tão vivas, tão de quem sente e participa da vida dos pobres que a nossa maior alegria é abrir-lhes a mão logo na volta do correio, com uma medida grande, quando temos com quê.

Estas cartas contrastam com a frieza dos atestados de pobreza ou de indigência, ao modo dos que se costumam apresentar em certas repartições públicas e que, muitas vezes, nada mais significam do que uma maneira fácil e cómoda de resolver problemas que pedem esforço e que pedem para serem vividos para poderem ser bem resolvidos.

Trabalhamos com os párocos. Queremos ajudá-los a resolver os problemas dos seus pobres nas suas paróquias. Ninguém melhor os deve conhecer; os deve viver e sofrer. Que seja a Igreja na pessoa do pároco e toda a paróquia

LAR DE LISBOA

Não sei se sabem já que no Lar de Lisboa, faz-se uma reunião mensal. Pois bem. Vou pô-los ao corrente do que nelas se passa ou se tem passado. Para todos nós umas têm tido o seu interesse particular, mas outras vêm «recheadas» de interesse geral, é o caso das duas últimas. Na reunião de Junho, tínhamos falado em problemas de relativa importância, mas daquilo que nos parecia para deitar fora, é que nasceu o fundo do problema da reunião seguinte. — Julho, mês próspero para o Lar.

e tal como tinha desejado no seu último postal. Se então já éramos felizes, agora muito mais, com a presença do prolongamento e fruto de uma união que Deus Nosso Senhor por certo abençoou. A outra fotografia, que lhe envio, é a do baptismo, da primeira Inglesa, na nossa, já tão numerosa família que Deus a abençoe, e nos dê saúde e forças, para a criarmos em Deus, são os nossos desejos. E por agora é tudo, Sr. P. e Carlos. Daqui, lhe desejamos muita saúde, para que possa continuar a caminhada de sacrifícios, e cansaças, que herdou por amor.

Saudades, muitas saudades, de tudo e de todos.

Vossos humildes e reconhecidos,

Fernando, Emília e Mary

Nós na reunião anterior, tínhamos abordado só de passagem as notas escolares dos alunos que frequentam a Escola Comercial.

Aqui está meus «amigos» um problema que foi transformado de particular em geral.

Como o Sr. Padre não se esquece dos problemas duma reunião para a outra, pergunta: — Quem é que ficou incumbido de falar nesta reunião?

Alguém se «levantou» e disse: — Fui eu e este.

— E então que há?

Sr. Padre, não estou suficientemente preparado, mas calado não devo ficar. Bonifácio, começou então por tocar os assuntos da reunião anterior; mostrou-nos as dificuldades que há para se arranjar um emprego sem estudos.

Da nossa parte, foi-lhe imediatamente dispensado todo o merecido apoio. E prosseguindo, disse:

— Eu achava melhor que os rapazes no fim do jantar, em vez de andarem de canto para canto da casa, à espera da hora de se deitarem, (porque cá existe, embora não se cumpra à risca) fosse feita uma salinha de estudo, durante o tempo mínimo de 60 minutos em que cada um estude o que mais lhe convier.

O Sr. Padre concordou e nós também e foi fixada então a data em que começaríamos essas aulas muito particulares para cada um de nós.

O Bonifácio disse mais ainda:

— É da minha opinião que o Sr. Padre mandasse todos os rapazes maiores de 14 anos estudar.

— É na verdade uma boa ideia, disse o Sr. Padre.

Caros leitores, aqui ficam as minhas despedidas até ao próximo número em que continuarei a dar-lhes o relato final desta reunião.

Agostinho Coelho (Lampreia)

BELÉM

PÁSSAROS — Não sei se os Senhores ainda se lembram da Senhora D. Maria Helena. Ela é do Porto, mas de vez em quando vem passar uma temporada a Viseu. Esteve cá nos princípios desta obra e foi ela que ajudou a nossa Mãe a alindar a casa. Também preparou o primeiro grupo de meninas para a comunhão particular.

Agora voltou a Viseu e passa cá em casa quase todo o dia. Foi minha Madrinha do Crisma e de mais três meninas, mas as outras também a tratam por Madrinha. Nós gostávamos que ela cá ficasse sempre.

Pois a nossa Madrinha gosta muito de passarinhos e por isso quantos caem das árvores lhe vêm parar às mãos. Comida não lhes falta e olhem que ela até lhes dá leite com um conta-gotas! Tanto, que um deles até morreu de indigestão! Mas, seja de indigestão seja do que for, o certo é que acabam todos por morrer, uns de calor, outros de frio, outros porque já trazem pouca saúde.

A nossa Mãe, quando vê algum, já diz: Ó desgraçado, má sorte te espera!

O último foi o que durou mais. Comia arroz, feijão, gema de ovo, papas, etc., e tomava o seu leiteinho. Estava tão redondinho que já nem parecia um pardal e com um bico muito esquisito.

A nossa Mãe disse à Madrinha que se tornaria célebre se conseguisse transformar uma ave em mamífero. Mas qual quê? O triste não aguentou a dieta. Quando menos se esperava bateu a asa.

Escrevo o que ouvi, mas para dizer a verdade, pouco percebi da conversa. O que lhes digo é que a passarada tem dado que falar e que rir cá em casa.

Mas a Madrinha não desiste e cá tem a gaiola, à espera de mais!

Fátima

CATEQUESE — Agora está repartida por três grupos. São 4 na primeira classe, 4 na segunda e as restantes na terceira.

As da terceira já deram o catecismo todo e andam a preparar-se para os exames, que devem ser em Outubro. A nossa Mãe até já convidou o Senhor Padre Poças para cá vir fazer os exames. Há-de haver prémios para as que souberem mais. Só as que ficarem bem é que passam para a quarta classe do catecismo. As que reprova-

rem voltam a dar o catecismo da terceira.

Estas doze meninas receberam o Sacramento da Confirmação no dia 24 de Junho. Este Sacramento torna-nos per-

feitos cristãos e verdadeiros soldados de Jesus Cristo. Todas as pessoas o deviam receber, mas há muitas que chegam a velhas sem se crismarem e é pena.

Eu ando na 2.ª classe do catecismo, mas já sei bastante da terceira, porque assistia às lições das maiores, quando não havia quem nos desse lição à parte. Agora a nossa catequista é a Madrinha. Andamos todas contentíssimas, porque ela conta-nos lindas histórias e, como somos poucas, aproveitamos mais. A nossa catequista faz chamadas e dá notas pelas lições e pelos trabalhos do caderno. Quer tudo sempre muito limpo e perfeito.

As 4 da primeira é que têm dado que falar, a começar pelo Pintainho. Não havia meio de levarem a doutrina a sério. Até já se duvidava se elas teriam miolos na cabeça. Só sabiam pensar na brincadeira. Mas agora já andam todas interessadas. Sabem porquê? Porque quando são chamadas e respondem bem ganham um santinho. Vejam lá como elas são! Gostam mais do Menino Jesus e dos Santos pintados num papel do que do Menino Jesus verdadeiro... O que vale é que ainda são muito pequenas e Jesus não se zanga.

Fátima

GINÁSTICA — Nós agora fazemos ginástica quase todos os dias e gostamos muito.

Quando está bom tempo é sempre ao ar livre. Só estão dispensadas da ginástica as que já não andam na escola e que não tenham trabalhos movimentados como seja cozinhar, passar a ferro, esfregar, lavar a roupa, limpar o pó, etc.

No princípio dava vontade de rir, porque algumas meninas pareciam sacos de farelo ou bonecos de espantar os pássaros. Agora já estamos mais afinadas. É uma maravilha. Até dá gosto encher os pulmões de bom ar da nossa mata.

Quem fazia melhor no princípio era a Maria de Fátima. A Senhora até a punha à nossa frente para nós vermos como era. Entretanto ela ia corrigindo as que faziam mal.

Mas quem se quiser rir venha ver o Pintainho a fazer ginástica, de asas abertas.

Licas

PAÇO DE SOUSA

PRAIAS — O caminho é de Paço de Sousa para Azurara e de Azurara para Paço de Sousa. Vão uns e vêm outros. Primeiro a pequenada toda. A seguir os médios, depois os maiores. São turnos de quinze dias que fazem muito bem a todos. A linda casa que temos naquela bela praia movimenta-se. Os corpos recebem as delícias do mar. Os espíritos descansam um pouco. As almas unem-se. A Família do Gaiato torna-se melhor.

x x x

FUTEBOL — Depois de estar um pouco apagado, o nosso Grupo Desportivo está a retornar à sua antiga forma que o notabilizou e isso alegra-nos muito. Mais ordem: Mais disciplina. Mais vontade. Mais amor ao nosso conjunto que é dos melhores e mais bem estruturados. Não fazia sentido que alguns procurassem deixar morrer uma coisa que é necessária a todos os títulos. O nosso grupo não é um qualquer. É o Grupo Desportivo da Casa do Gaiato. Todos os praticantes façam por merecer a honra de vestir a sua camisola.

x x x

TROPAS — A partir de agora, temos mais dois. É o Zé Adolfo e o Ramada que estão no GACA 3 de Espinho. São de Espinho. São da Tipografia. E dos melhores. Mas os deveres militares estão primeiro. O chamamento da pátria está por cima. Nós esperamos muito deles, pois estão presos a nós e nós a eles.

Aproveitamos o ensejo para saudar todos os colegas e irmãos que se encontram espalhados pelas várias unidades

e tantos são. Muito em especial aos que se encontram em Angola, Moçambique e Guiné. Para todos vai o abraço e as saudades de todos os que ainda por cá vão estando.

x x x

TIPOGRAFIA — Júlio foi para férias. Pinto ao leme. Barco ao largo. Embarcação no seu lugar. Senhor Padre Carlos no retiro. Sepadre Manuel a refilar por a Voz dos Novos ter mais páginas. Queixa-se de que foi levado na cantiga... Caxton avariada. Os clientes à espera. Nós coçamos a cabeça. E isto continua sem parar. A vida é assim. Exige luta. Exige algum sacrifício da nossa parte.

Precisávamos de mais máquinas, pois não temos mãos a medir, mas Sepadre queixa-se que não tem dinheiro nem para as gravuras que se fazem para o jornal. Nós refilamos porque gostamos de ver o jornal asseado, alegre, diferente. Depois queríamos servir de pronto os clientes que todos os dias ralham connosco.

x x x

ZÉ EDUARDO — Está aqui a passar férias com sua esposa e filha. Temos muita alegria em o ver por cá. Todos nos damos bem com ele. O Manuel Pinto cognominou-o de Zé Banqueiro por ele ser funcionário do Banco Pinto de Magalhães. Ele, por sua vez, apelidou o Pinto de Manel do Quisque, por viver mesmo à beira do Estádio Cão Branco.

São amizades que ficam pela vida fora. As amizades dos gaiatos não são iguais às outras amizades. São corações que se abrem. Corações a bater certo. A Família que volta ao seu lugar. É assim a Casa do Gaiato. São assim os rapazes. É esta a nossa alegria. E, como tal, queremos contagiar também os nossos leitores que nos pertencem mui particularmente.



Eis o rebento do Zé Eduardo

COZINHA — Zé Caraças continua a fazer das suas. Bebe e dá leite aos compadres e o café vai sem ele. Vai ao doce, quando apanha a chave à Senhora. Diz que anda muito mal e faz comida à parte. Faz barulho. Dá as coisas melhores ao Américo, que também tem a mania de ir subtraindo uns tomates. Gosta disso. O Américo é fino. Depois é o Borges que vai a eles. Diz ao Sepadre Carlos e os puxões de orelhas não são nada saborosos. Palavra de honra que não gostamos nada dos puxões de orelhas. O Américo engraxa a Sedona Sofia. É compadre do Caraças. Depois, como se isso fosse pouco, mete os outros ao barulho...

d a n i l

VISADO PELA Comissão de Censura



Campanha de Assinaturas

PORTO/LISBOA — Eu já previa. Lisboa marcou — e marcou bem! Só uma lista, da Rua do Crucifixo, traz nada menos de 7 deles; a qual termina com «sempre ao vosso dispor». Isto quer dizer que o fogo permanece. E quem sabe, até, se aqueles sete, de alma espumante, são ponto de atracção pra mais outros sete.

Não adormeçam, senhores lisboetas. A vossa seara é grande. Muito grande!

O Porto — que nos conhece bem e vibra intensamente pela nossa causa — comparece de sorriso nos lábios. E com gente d'antes quebrar que torcer. Diz o proponente de um processo: «este é dos bons!» Pois isso é que interessa. O Famoso não é de estantes, nem de bibliotecas. É pra se trazer no bolso (como faz aquele Vicentino — alma mater do «Património dos Pobres» em uma freguesia da Beira Litoral) — e no coração.

DO MINHO AO ALGARVE — Aí vem o grosso da procissão! E à frente da coluna temos Portalegre, que afirma alto e bom som:

«Com o pedido de que o meu pedido seja satisfeito o mais depressa possível peço o favor de enviar o jornal para... Dese-

continuação da primeira pág.

de interesse. O amor dá-se; o interesse procura-se. O Pastor esquece-se de si próprio e luta pelas suas ovelhas; o mercenário calcula o perigo e abandona-as. O Pai não cede os filhos a caos de si próprios; o tutor apressa a maioridade e demite-se, se o peso da tutela o não satisfaz.

Eis a diferença, Senhor. Tu sabes que, apesar da nossa infidelidade ao ideal dos nossos maiores, há ainda um resto de herança que nos não deixa ser inteiramente como os outros.

Por força desse resto, desse pequeno resto da herança é que nós permanecemos quando os outros recuaram, nem sequer aceitamos a cedência do nosso direito, quando os outros negociam o seu. Sim, obra de amor foi o que fizeram os nossos maiores.

Desvio do amor para o interesse, tem sido o nosso pecado. Temos resvalado para o caminho dos outros: aquele que os nossos maiores abriram por amor, trilhado por interesse. Se cairmos completamente nele, somos como os outros... Tere-mos o seu destino.

Senhor, ainda é tempo. Olhai a nossa humildade e a nossa confiança e tende piedade de nós. Restitui às nossas inteligências a fé e aos nossos corações o amor que os nossos maiores fizeram a sua herança. E ela salvar-se-á para nós, porque nós nos redimimos por amor dela.

jo que a acção benfazeja de «O Gaiato» chegue a todos os portugueses.

Uma admiradora de «O Gaiato».

Se cada um, dentro da sua esfera de acção, pensar e agir assim, o Famoso há-de ser mais e mais famoso — porque de todos os portugueses.

Agora, é Torres Novas e Perosinho; Seia e Famalicão; mais S. Mamede d'Infesta, Seixal (Lourinhã), Avintes, Monte Redondo e Vila Flor que «pede a gentileza de não mencionar o seu nome na lista dos assinantes, nem noutra qualquer». Pois descanse, minha senhora. Esta procissão é de gente anónima — velha face-ta do nosso Jornal.

Mais Ribeiro de Pena, Sintra, Chãos (Tomar), Caldas da Rainha, Damaia e Caria:

«Tendo prometido se meu filho ficasse bem do seu exame do 5.º ano fazer-me assinante do vosso Jornal, que muito admiro e que sempre compro em qualquer parte, aqui estou a cumprir a promessa».

Finalmente, comparece Ven-das Novas (pela mão de seu dinâmico prior), Ermezinde e Gaia, que marcam em cheio.

ULTRAMAR — Apesar das provações — e talvez por via delas — os nossos irmãos ultramarinos continuam firmes e entusiasmados nos arraiais da Campanha de Assinaturas. Temos gente fresca de S. Tomé. Mais da Guiné. E, de Angola, Luanda e Ambrizete.

Mogambique ferve em cachão! É uma pesada lista de Nampula pedindo «desculpa de tanta ausência, mas não queria voltar a escrever sem ter assinantes para o nosso Jornal». E termina, espumante: «Penso que fica contente como eu estou, por arranjar mais alguns». Contentíssimos! Nampula é uma categoria. Mais abaixo, é Inhambane — que também ferve. Diz a assinante 31211:

«Pego que enviem «O Gaiato» com a maior urgência, pois só nele confio para a conquista duma alma boa, mas afastada. Se soubesseis quanto lutei para conseguir esta assinatura que, afinal, surgiu como que voluntária.

Mandem depressa! É urgente, mesmo urgente que entre no lar desta nova assinante».

Seguiu por avião. Assim, não esmorece a cruzada.

Temos, ainda, mais uma simpática presença de Inhambane, com gente fresca e uma oferta valiosa. Aqui está:

«Neste momento, tomarei a iniciativa de me dirigir aos restantes assinantes do Famoso, residentes nesta área e que ainda não hajam pago as suas assinaturas. Tal facto apenas será fruto do descuido e não da indiferença, pois a Obra do Gaiato é por aqui muito querida e apreciada».

Júlio Mendes

FACETAS DE UMA VIDA

Estamos em 1905. Passou um ano, quase, sobre as últimas notícias. O Américo continuou no Porto «vendendo ferros», como dizia a Mãe, (aliás eram ferragens) e frequentando o primeiro ano do Curso do Instituto Comercial. (Dele dizia o Padrinho do P.e José em carta a este, datada de 5/9/904: «Noutro dia tive pena do Américo. Lá o vi dentro do balcão... Mas que remédio há se não sugerir-se: o pano não dá para grandes mangas».

Como o futuro havia de desmentir este fraco conceito!

Em 15/Maio/1905, o irmão Jaime volta a escrever ao P.e José, deixando transparecer mais vez mais a sua dedicação aos Pais e aos irmãos.

Ha um anno e tanto escrevi-te uma carta. a que recebo não tive resposta. Agora recebo uma carta do Pae dizendo — «O Padre José diz que ha dois annos não recebe noticias tuas!! Dei-lhe a tua direcção, e agora entendi-vos» — Por isto vejo que não recebeste a minha carta, que se perdeu ou foi para o fundo do mar.

Será erro no endereço?

Vá-me noticias tuas. Quando dás a Portugal? Vives bem? At home está tudo muito bom segundo noticias que acabo de receber. António acaba este anno o curso do Liceu e entra na academia — segue medicina.

Américo entrou este anno no Instituto Comercial e faz o curso do commercio. Depois vem cá para fora trabalhar.

Zeferino ficou inutilizado para o trabalho. O Brasil estragou-o. Não imaginas a pena que tenho que aquele rapaz fique n'um estado tão deplorável. Paciência, já não há remédio. A couza vai chegando a seu fim. Creio que daqui a seis ou oito annos teremos tudo colocado e em movimento.

José, Jayme, Américo, cá fora. Zeferino, Joaquim, João, em casa. António a fazer receitas — a matar gente.

Tenho esperanza que os velhos ainda verão toda esta ordem assente. Tudo isto, é claro, na hypothese de tudo viver, é bonito.

Recebida, entretanto, carta do P.e José, Jaime torna a escrever-lhe em 26/Julho/905, retomando a proposta sobre o futuro do Américo, feita um ano antes (Em carta, já publicada, de 4/6/904) e da qual ainda não tivera resposta.

Tens muito que fazer pelo que dizes, e gosto d'isso por ver que é proveito teu e do próximo. Vê, não entanto, se podes dispôr d'um bocadinho de tempo e responde a uma carta em que te falei no futuro do nosso irmão Américo, cá fora. Desejo muito ler-te sobre este assumpto que tem alguma importância.

Se compulsares essa minha carta verás que eu consultava a tua opinião a cerca da vinda do Américo cá para fora, agora depois de fazer o curso do Instituto Commercial.

Tenciono trazel-o para Moçam-

bique, mas lembro perguntar-te se acaso achas ajuizado que o rapaz

siga a carreira commercial na India Inglesa onde encontra vastissimo campo para se ilustrar e ganhar a vida com muita honra e muito bem. Simpatizo muito com o Império Colonial da India Britânica, tanto que me tentava ir para lá se não tivesse aqui 7 a 8 anos de raiz. Por isso tinha muito prazer de encarrear por ahí o Américo, e vê-lo progredir. Escreve-me depressa sobre este assumpto: não te esqueças.

A NOSSA OBRA

É a distância; é na saudade que a separação de quatro semanas causa — que nós contemplamos melhor a grandeza da nossa Obra.

Chegou «O Gaiato» — o de 4 de Agosto. Há quanto tempo o não esperava com tanta sofreguidão! Desta vez não me coube empunhar o lápis encarnado na correcção das provas. Nem dei por gralhas. Foi o seu conteúdo, só ele e ele todo, todinho, o que devorei num abrir e fechar de olhos.

E que bom ele vinha! Tirando P.e Baptista, os nossos padres preguicaram. Por isso o jornal foi mais «obra de rapazes, pelos rapazes»... Que bom que ele vinha!

O nosso coração anda cheio. Nem tudo são alegrias, o que podemos colher nesta Angola mal ferida... Mas aquelas que são fruto mais directo da árvore já frondosa que a Obra da Rua é, essas compensam-nos e temperam as nossas impressões.

Se a vida de família está na raiz da Obra, se é a sua essência — é bom verificar sinais da mesma espécie nos rebentos. É uma confirmação.

Visitámos todos os nossos que andam ganhando a sua vida por cá. Todos menos um, que em dois anos não teve um só postal que eserevesse; tam pouco agora nos procurou.

Já não nos foi possível ver todos os nossos tropas. Eles são 13 em Angola. Em todo o Ultramar, neste momento, 20. Ele não há Família portuguesa tão representada na defesa da Nação! Talvez por isso encontrámos nos Comandos tão boa vontade em nos trazer, ou nos levar aos nossos que por lá servem! Ainda assim só cinco nos foi possível ver.

Na tropa é costume conhecerem-se os soldados pelo número. Os nossos não. Aonde fomos e perguntámos, a resposta foi sempre a mesma: «Ah, é o Gaiato...» E ao dirigirmos-se-lhes os colegas, era: «O Gaiato...»

Alguns dos que vimos nem sequer saíram da Casa para a tropa. Podiam não ter declinado a sua proveniência. Podiam mesmo envergonhar-se dela. Não senhor! «É o Gaiato». Deus queira que o nome de Gaiato lhes seja guarda, assim como este próprio é guardado e abençoado pelo Nome por força do qual existe: o SS.mo Nome de Jesus.

Em Luanda houve deles que pediram licença para aqueles dias, afim de nos acompanharem. Os do Lobito foram gentis até ao fim. Em Benguela deixei uma resposta, que é convite, àquele a quem a tinha prometido em retribuição do tema que ele me foi para escrever e para falar, as poucas vezes que este ano o fiz.

Dois guardavam para nós confidências íntimas e esperavam ainda o nosso apoio para a resolução de problemas que os apouquentavam. Ambos pais de filhos! Ambos filhos da Mãe Obra da Rua!

E que dizer das cartas recebidas? Do retrato de um neto com sete horas de vida? Dos relatos jocosos que nos iam fazendo cientes e bem dispostos sobre os sucessos nas Casas da Metrópole? E daquela carta de Lourenço Marques, assim datada: «Longe da Mãe, 24/7/62?»

Coisas pequeninas! Coisas verdadeiras! O mundo anda tão cheio de falsidade! De aparências monumentais..., mas aparências!...

A gente compreende melhor aquela afirmação que nesta mesma África, há dez anos, fez alguém muito representativo na vida nacional: «A Obra do Padre Américo é a única coisa séria que existe em Portugal». Não será a única, mas será uma das raras!...

O nosso coração anda cheio. Tão grande, tão bela a nossa Obra! Que Deus nos conserve pequeninos, verdadeiros — humildes. E nem é virtude, é necessidade: transbordarmos para o d'Ele o que não cabe no nosso coração.